



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ISSN 2175-9596



TÁTICAS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E SABOTAGEM NA EMERGÊNCIA DA SOCIEDADE DE CONTROLE

Tácticas y prácticas de resistencia y sabotaje en el surgimiento de la Sociedad de Control
Tactics and practices of resistance and sabotage in the emergence of the Control Society

Luiz Filipe da Silva Correia^a

^(a) Bolsista do CNPq e doutorando no Programa de Pós Graduação em História Social / FFLCH/USP. E-mail: luiz.correia@usp.br.

Resumo

O objetivo deste texto é apresentar a questão da vigilância e da resistência à tecnologia na emergência da Sociedade de Controle em meados dos anos 1990. O texto é dividido em três movimentos; na primeira parte, faço uma breve contextualização da situação atual e argumento que mais do que uma novidade tanto as práticas de vigilância eletrônica como a sua problematização já estavam em pauta desde o final do século XX; em seguida, retomo alguns pontos da Sociedade de Controle definida por Deleuze no começo dos anos 1990; por fim, mostro dois exemplos de textos que já em meados dos anos 1990 alertavam para os riscos da perda da liberdade e apresentavam propostas para lutar contra o modelo de desenvolvimento capitalista tecnológico. O primeiro é o livro *Distúrbio Eletrônico* do coletivo Critical Art Ensemble de 1994 e o segundo *A Sociedade Industrial e seu Futuro* de Theodore Kaczynski de 1995.

Palavras-chave: Sociedade de Controle; História; Vigilância; Táticas de Resistência.

Resumen

El objetivo de este texto es presentar el tema de la vigilancia y la resistencia a la tecnología en el surgimiento de la Sociedad de Control a mediados de la década de los noventa. El texto está dividido en tres movimientos; en la primera parte, contextualizo brevemente la situación actual y sostengo que, más que una novedad, las prácticas de vigilancia electrónica y su problematización ya existen desde finales del siglo XX; luego tomo algunos puntos de la Sociedad de Control, definida por Deleuze a principios de la década de 1990; por último, muestro dos ejemplos de textos que en la década de 1990 alertaron sobre los riesgos de perder la libertad y presentaron

propuestas para luchar contra el modelo de desarrollo capitalista tecnológico. El primero es el libro Electronic Disturbance publicado en 1994 por el colectivo Critical Art Ensemble (CAE) y el segundo es The Industrial Society and their Future por Theodore Kaczynski en 1995.

Palabras clave: *Sociedad de Control; Historia; Vigilancia; Tácticas de resistencia.*

Abstract

The aim of this text is present the issue of surveillance and the resistance to technology in the emergence of Control Society in the early 1990s. The text is divided into three movements; in the first part, a briefly contextualization of the current situation and the argument that more than a novelty the electronic-surveillance practices and its problematization already occur since the late twentieth century; then, I return to some points from the Control Society, defined by Deleuze in the early 1990s; lastly, I show two examples of texts that in the 1990s warned the risks of losing freedom and presented proposals to fight against the model of technological capitalist development. The first is the book Electronic Disturbance published in 1994 by the collective Critical Art Ensemble (CAE) and the second is The Industrial Society and its Future by Theodore Kaczynski in 1995.

Keywords: *Control Society; History; Surveillance; Resistance Tactics.*

INTRODUÇÃO

Com as denúncias de vigilância digital feitas por Edward Snowden em 2013, a existência de uma rede de espionagem e de monitoramento computadorizado global e em tempo real deixou de ser vista como uma paranoia de ficção científica, uma teoria da conspiração ou mesmo uma distopia de um futuro distante. De fato, os trabalhos apresentados nos simpósios da rede LAVITS mostram que a complexificação dos aparatos técnicos e sua crescente autonomia em relação aos processos sociais aumentaram a capacidade de governo e controle sobre corpos, condutas e percepções. Como consequência, pode-se afirmar que nossa atualidade é composta por uma multiplicidade de dinâmicas de segregação e de vigilância *glocalizada* (Lyon, 2011)¹. Além disso, as quebras de sigilo e a comercialização de informações privadas para fins comerciais e políticos tornaram-se corriqueiras e hoje se fala inclusive do surgimento de um "capitalismo de vigilância" (Zuboff, 2015)².

¹ Em linhas gerais, *glocal* corresponde a um fenômeno global que adquire características locais. Para David Lyon, em certos casos, a vigilância é *glocalizada* uma vez que as circunstâncias locais fazem diferenças reais nas tendências gerais. Deste modo, globalização da vigilância é um fenômeno com suas características próprias e que adquire diferentes configurações em diferentes locais e produz situações de inter-relações complexas (Lyon, 2011).

² Para Zuboff, o capitalismo de vigilância é uma nova mutação econômica surgida a partir do digital e se caracteriza pela indiferença e o narcisismo do capitalismo financeiro e sua visão neoliberal que dominou o comércio nos últimos 30 anos. O capitalismo de vigilância é a lógica emergente de acumulação na esfera em rede e que tem implicações para "civilização da informação". Ele é constituído por mecanismos inesperados e muitas vezes ilegíveis de extração, commodificação e controle que efetivamente anulam o comportamento autônomo das pessoas e produz novos mercados de predição e modificação comportamental. Para a autora, o maior representante desse modelo é o Google, cujo maior sucesso estaria em conseguir "prever" o comportamento dos consumidores, uma vez que a informação é uma mercadoria fundamental para acumulação nessa nova fase do capitalismo.

Para Miguel Ángel Verde Garrido as revelações de Snowden evidenciam a extensão da vigilância estatal e corporativa aos processos sociais, políticos e econômicos da sociedade civil. Estados e Corporações implementam tecnologias de monitoramento de informações e comunicações globais para diferentes fins, tratando cidadãos como consumidores. O autor identifica três tendências globais e nacionais que exemplificam as políticas e práticas de Estados e Corporações relativas as tecnologias de informação e comunicação (TIC): 1) Estados utilizam TIC em nome da segurança nacional, implementando políticas, legislações e práticas transnacionais; 2) Estado terceiriza funções de vigilância, censura e policiamento de informações. Não implica a contratação de empresas terceirizadas, a colaboração pode ser por meio de coação legal; 3) Cooperação sinérgica entre Corporações e Estados para fins políticos e econômicos (Garrido, 2015).

Neste princípio do século XX, com a publicação das denúncias de Snowden em reportagem do jornalista Glenn Greenwald, que rendeu o prêmio *Pulitzer* para os jornais *Washington Post* e *The Guardian*, aumentou o interesse do público em geral para questões relativas à privacidade e o monitoramento eletrônico. Contudo, em sua forma moderna, o tema tem interessado estudiosos desde a década de 1950. Tal interesse está relacionado a uma tomada de consciência em relação aos direitos humanos, aos abusos do colonialismo e dos regimes totalitários, além da existência de práticas antidemocráticas dentro de sociedades democráticas (Marx, 2015). Na literatura, o tema já conta com uma longa tradição e foi tratado por Orwell, Huxley, Zamyatin, Burroughs e outros autores de ficção científica. Nos anos 1970, Michel Foucault já atentava para a historicidade das práticas de vigilância e de governo dos corpos, sendo que seus os conceitos de panóptico, biopoder, biopolítica e governamentalidade se tornaram correntes no campo de estudos da vigilância.

Também desde o final dos 1970, o jornalista investigativo Duncan Campbell escreve reportagens sobre aparatos de vigilância³. Em 1988, ele divulgou a existência do *ECHELON*, uma rede de vigilância com capacidade de interceptar comunicações privadas e comerciais que tinha a participação dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Austrália, da Nova Zelândia e do Canadá. Na ocasião, o fato foi prontamente negado pelas autoridades.

³ Segue a lista das reportagens publicadas por ele no período: **1976** - "British MP Accuses U.S. of Electronic spying," *New Scientist*, August 5, p. 268; **1979** - "The Threat of the Electronic Spies," *New Statesman*, February 2, pp. 140-44; **1980** - "Society Under Surveillance," *Policing The Police*, Vol. 2. (Ed: Ha.). John Calder, London; **1980** - "BBC's Trade Secrets," *New Statesman*, July 4, pp. 13-14; **1980** - "America's Big Ear on Europe," *New Statesman*, July 18, pp. 10-14; **1981** - "Big Brother Is Listening - Phone tappers and the security state", 1st ed. Vol. 2. *New Statesman*, London; **1983** - "Spy in the Sky," *New Statesman*, September 9, pp. 8-9; **1986** - "UK's Listening Link to Apartheid," *New Statesman*, August 1, pp. 101-11; **1988** - "Somebody's listening", *New Statesman*, August 12, pp.10-12.

Onze anos depois, em 1999, a BBC publicou uma reportagem vinculando o *ECHELON* à NSA e trouxe relatos da capacidade de interceptação de chamadas telefônicas, e-mails, transmissões via fax e rádio. Em 2001, um relatório do Parlamento Europeu confirmou que através do *ECHELON* a NSA interceptara conversas telefônicas de uma empresa francesa participante de uma licitação do governo brasileiro. A conclusão do relatório, no entanto, foi de que o equipamento não contava com todas as capacidades técnicas de monitoramento descritas pela reportagem da BBC. A existência do *ECHELON* só foi efetivamente confirmada com as denúncias feitas por Snowden (Garrido, 2015). Curiosamente, novamente o Brasil estava envolvido na espionagem, dessa vez foram interceptados e-mails da Presidenta Dilma Rousseff e de dirigentes da Petrobras.

Seja como for, pode-se afirmar que práticas de monitoramento de comunicações e de informações de indivíduos, Estados e empresas ocorrem pelo menos desde meados dos anos 1980, com uma tendência de colaboração entre governos e Corporações. Portanto, a relação quase simbiótica entre tecnologia, mercado e invasão de privacidade eletrônica e não devem ser tratadas como uma novidade do século XXI.

A EMERGÊNCIA DAS SOCIEDADES DE CONTROLE

Tais tendências já haviam sido notadas por Gilles Deleuze em seu famoso texto "Post-scriptum sobre as sociedades de controle", publicado no começo dos anos 1990. O ponto de partida é a crise nas Sociedades Disciplinares apontada por Foucault; para Deleuze a Sociedade de Controle não se baseia nem no controle central do soberano do regime soberania, nem no controle descentralizado da prisão ou da fábrica dos regimes disciplinares.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. [...] Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda

que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas (Deleuze, 2000, p. 220).

Todavia, diferente do que se pode supor, para o filósofo, um regime não anularia a existência do outro, pelo contrário, as Sociedades Disciplinares podem, inclusive, incorporar elementos do controle:

O estudo sócio-técnico dos mecanismos de controle, apreendidos em sua aurora, deveria ser categorial e descrever o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares, cuja crise todo mundo anuncia. Pode ser que meios antigos, tomados de empréstimo às antigas sociedades de soberania, retomem a cena, mas devidamente adaptados. O que conta é que estamos no início de alguma coisa (Deleuze, 2000, p. 225).

De fato, alguma coisa estava acontecendo. A partir dos anos 1970, com os frutos da chamada revolução microeletrônica, a cultura e os costumes em geral passaram por mudanças que trouxeram implicações para o comportamento humano e para a organização social. Dentre esses frutos, talvez nenhum seja mais simbólico que o computador pessoal, que começa a ser comercializado a partir do final dos anos 1970, se populariza na década de 1980 e se torna definitivamente parte do cotidiano no final dos anos 1990.

De acordo com Deleuze, cada sociedade tem um tipo correspondente de máquina, não que ele acreditasse que as máquinas sejam determinantes, "mas elas exprimem as formas sociais capazes de lhes dar nascimento e utilizá-las"⁴. Para o autor, as máquinas correspondentes à Sociedade de Controle são os computadores "cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus". Não parece incoerência Deleuze indicar a existência de mecanismos de controle perceptíveis desde século XIX, essa datação remonta à criação e uso das primeiras máquinas tabuladoras usadas nos censos do começo do século XX e posteriormente para catalogação de judeus

⁴ "É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem" (Deleuze, 2000, p. 223).

durante o governo do Terceiro Reich⁵, sendo as máquinas tabuladoras precursoras dos computadores modernos.

Para o filósofo, no entanto, não se trata de uma evolução tecnológica, mas uma "mutação no capitalismo, que não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado" (Deleuze, 2000, p. 224).

O processo de reconfiguração cultural e material em nível planetário pela associação entre controle e o mercado regido pelo capital neoliberal é uma das marcas do período.

As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção. A corrupção ganha aí uma nova potência. O serviço de vendas tornou-se o centro ou a "alma" da empresa. Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado (Deleuze, 2000, p. 224).

Um "*post scriptum*" fala de um fato já consumado, o texto publicado no começo da década de 1990 demarca não o surgimento, mas a emergência das Sociedades de Controle, período no qual a experiência da realidade passa a ser marcada por um aumento do controle sobre a vida dos indivíduos propiciado pela massificação das tecnologias computacionais a partir da intersecção empresas/mercado e governos. Em seu *post scriptum*, Deleuze ainda alertou para urgência de analisar essas novas formas de confinamento e reafirmou importância de se pensar em outras formas luta e ação.

⁵ Já no final do século XIX os Estados Unidos utilizam pela primeira vez máquinas tabuladoras para computar os dados do censo populacional. O principal modelo foram os tabuladores Hollerith, da empresa CTR (*Computing-Tabulating-Recording Company*). Em 1924 a CTR mudou o nome para *International Business Machines* e passou a ser conhecida como IBM. No Brasil, um tabulador Hollerith foi adquirido pelo governo para realizar o censo em 1920, quando a empresa ainda se chamava CTR. Para mais informações sobre o uso das máquinas tabuladoras nos censos populacionais ver o site comemorativo dos 100 anos de atuação da IBM no Brasil: <https://www-03.ibm.com/marketing/br/ibmbrasil100/>. Para o uso dos Tabuladores Hollerith na catalogação de judeus, ver Black (2001).

Na próxima parte do texto irei apresentar brevemente duas propostas, dentre as muitas, que foram colocadas como alternativas ao controle eletrônico e digital na década de 1990.

DISTÚRBIO E SABOTAGEM

Nos anos 90, o conjunto de técnicas se fazia sentir quase que instantaneamente em todas as partes do globo e provocou uma completa remodelação da cultura. A dificuldade em nomear o conjunto de transformações no período fez surgir uma profusão de metáforas e conceitos que foram utilizados para definir o final de século XX⁶. Dentre essa profusão de metáforas "Globalização" foi aquela que se popularizou e tomou conta dos corações e mentes na passagem do século XX para o século XXI. A globalização, deste modo, seria apenas mais uma conceituação abstrata, generalizante e repleta de contradições; e ficou caracterizada pela aceleração do uso cotidiano de computadores, pelo acesso à internet e pela abertura dos mercados.

Entretanto, as "dávivas" da globalização não escondiam o aumento das desigualdades e, de fato, a proporção daqueles que podiam contar com suas benesses foi (e ainda é) infinitamente menor do que aqueles que sofriam (e sofrem) com seus infortúnios. O período foi marcado por debates que falavam de uma diminuição do poder dos Estados em detrimento ao avanço tentacular das grandes corporações e da invasão da publicidade e do consumo em praticamente todos os aspectos da vida cotidiana. Não por acaso, no decorrer dos anos 1990 as corporações, o consumo e a publicidade se tornaram o alvo central não apenas dos movimentos de contestação e ativismo, mas também da crítica das humanidades em geral. Grupos artísticos, organizações civis e inúmeras redes de ativismo se espalharam por todo o planeta. Contudo, apesar das mazelas e do aumento da desigualdade, esses grupos viam nas transformações em curso a oportunidade de criar um novo mundo possível, uma outra globalização⁷.

⁶ Além de "Globalização" podem ser citados: "Mundialização", "Convergência" além de "Sociedade em Rede" conceito desenvolvido pelo sociólogo Manuel Castells em 1996. Nesta lista podem ser acrescentadas ainda as definições de Alvin Toffler "Terceira Onda" (1980), Adam Shaf "Sociedade Informática" (1995), Kenich Ohmae "Sociedade Amébrica" (1991) e, claro, a "Aldeia Global" popularizada por Marshall McLuhan ainda na década de 1960.

⁷ *Por uma outra Globalização* é o nome do livro publicado pelo geógrafo Milton Santos em 2000. Neste livro, o autor percebia a existência de três perspectivas de compreensão do mundo a partir do processo em curso: como fábula (as promessas), como perversidade (aumento da desigualdade) e como possibilidade mais humana (um outro modelo de globalização) (Santos, 2000).

Fundada em valores humanos, multiculturalismo, direito das minorias, justiça social, meio ambiente, justiça social, crítica da mídia, entre outros⁸.

Um dos grupos que despontou no período foi o Critical Art Ensemble (CAE), formado em 1987 e composto por cinco profissionais de várias especialidades que incluem mídia tática, computação gráfica, web design, filme/video, fotografia, performance, biotecnologia, entre outros temas relacionados. O objetivo do CAE é explorar as interseções entre arte, teoria crítica, tecnologia e ativismo político, o grupo participou de inúmeras exposições internacionais, realizou performances em locais variados (rua, o museu e internet) e publicou diversos textos teóricos⁹. Em suas ações o CAE propõe "desafiar o papel dos indivíduos, das corporações e dos sistemas que determinam as regras do jogo científico" (Mesquita, 2011, p. 154)¹⁰.

Já no primeiro livro, *Distúrbio Eletrônico*, publicado em 1994, o CAE fez um diagnóstico das mudanças que se desenhavam no período e tratou da necessidade dos ativistas buscarem novas táticas e estratégias:

As regras de resistência cultural e política mudaram radicalmente. A revolução tecnológica causada pelo rápido desenvolvimento do computador e do vídeo criou uma nova geografia das relações de poder no Primeiro Mundo. Uma nova ordem que há cerca de vinte anos só poderia existir na imaginação: as pessoas estão reduzidas à dados, a vigilância ocorre em escala global, as mentes estão dissolvidas na realidade da tela e do monitor. Surge um poder autoritário que floresce na ausência. A nova geografia é uma geografia virtual, e o núcleo de resistência política e cultural deve se afirmar nesse espaço eletrônico (Critical Art Ensemble, 2001, p. 11).

⁸ "Este movimento recebeu diversas denominações, como "movimento de justiça global", "movimento para uma democracia mundial", "movimento anti-corporativo", "movimento anti-capitalista" ou "o movimento dos movimentos". Tais expressões foram comumente utilizadas por diversos autores e ativistas. Por inúmeras vezes, a mídia referiu-se ao movimento de resistência global como "movimento anti-globalização". Trata-se de uma expressão certamente equivocada e que não corresponde à diversidade dessa luta, considerando também que o movimento de justiça global sempre apoiou um novo internacionalismo. Nesse sentido, o movimento não se configura como anti-globalização, mas contra a globalização capitalista" (Mesquita, 2011, p.37).

⁹ *The Electronic Disturbance* (1994), *Desobediência civil eletrônica e outras idéias impopulares* (1996), *Flesh Machine: Cyborgs, Designer Babies e New Eugene Consciousness* (1998), *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media* (2001), *Molecular Invasion* (2002), *Marching Plague* (2006) e *Disturbances* (2012).

¹⁰ No livro *Insurgências Poéticas*, André Luiz Mesquita apresenta algumas ações do grupo e analisa os projetos, performances, instalações e trabalhos focados na questão da biotecnologia. Como, por exemplo, *Molecular Invasion* (2002-2004), no qual além do CAE, as artistas Beatriz da Costa, Claire Pentecost e um grupo de estudantes produziram em uma galeria de Washington uma intervenção bioquímica na composição de sementes de canola, milho e soja geneticamente modificadas, patenteadas e vendidas pela Monsanto (Mesquita, 2011). Ver também o site do grupo: *critical-art.net*.

O grupo fala do deslocamento nas formas de resistência, uma vez que, assim como a autoridade localizada nas ruas era combatida por meio das manifestações e barricadas, a autoridade que se localiza no campo eletrônico deve ser combatida através da resistência eletrônica. Para o grupo essas estratégias mais antigas de combate físico estavam mais bem desenvolvidas enquanto estratégias eletrônicas não (Critical Art Ensemble, 2001).

A julgar pelo número de horas que uma pessoa comum assiste televisão, parece que o público está envolvido com eletrônica. O mundo eletrônico, no entanto, não está de forma alguma totalmente estabelecido, e está na hora de tirar vantagem desta fluidez através da criação. Antes que nos reste apenas a crítica como arma (Critical Art Ensemble, 2001, p. 35).

Entre as táticas de resistência propostas pelo coletivo estão o uso de video-documentários, teatro, performance e o plágio, no âmbito da produção cultural eletrônica, além de engenharia reversa e sabotagem digital :

Um pequeno mas coordenado grupo de hackers poderia introduzir vírus e bombas eletrônicas em bancos de dados, programas e redes de autoridade, colocando a força destrutiva da inércia contra o domínio nômade. A inércia prologada se igualaria ao colapso da autoridade nômade em nível global. Tal estratégia não requer uma ação unificada de classe, e nem uma ação simultânea em várias áreas geográficas. Os menos niilistas poderia ressuscitar a estratégia de ocupação mantendo como reféns dados em vez de propriedades. Por quaisquer meios que a autoridade eletrônica seja perturbada, o importante é quebrar totalmente o comando e o controle. Sob essas condições, todo capital improdutivo no entrelaçamento militar-corporativo se torna um sorvedouro econômico – material, equipamento e força de trabalho, todos ficariam sem um meio de serem distribuídos. O capitalismo tardio entraria em colapso sob seu próprio excesso de peso (Critical Art Ensemble, 2001, p. 33).

O grupo reconhece que causar interrupções nas linhas de comunicação pode ser interessante para a resistência e pode contribuir diretamente para a derrocada de algumas instituições. No entanto, ela não deve ser usada como única tática de ação, "pois as instituições, assim como as ideias, não morrem facilmente", sendo assim, o CAE aposta na possibilidade de expansão da autonomia dos indivíduos através de agrupamentos sociais semelhantes em termos de consenso filosófico e, conseqüentemente, poderiam reconfigurar estruturas sociais (Critical Art Ensemble, 2001).

Com um número suficiente destas células agindo – mesmo se seus pontos de vista divergirem – pode-se apostar que uma corrente social de resistência emergirá... uma corrente que não será fácil desviar, encontrar ou monitorar. Dessa maneira, pessoas com pontos de vista diferentes e especialidades diferentes podem trabalhar em uníssono, sem concessões e sem a renúncia da individualidade em prol de um argumento centralizado (Critical Art Ensemble, 2001, p. 139).

Durante toda a década de 1990 o CAE esteve envolvido em ações que questionaram as práticas de militarização e vigilância do cotidiano pelo uso das tecnologias microeletrônicas e a interferência cada vez mais frequente da biotecnologia nos corpos e no meio ambiente. Em maio de 2004, um dos co-fundadores do grupo, o professor Steve Kurtz, acordou e percebeu que sua esposa, Hope, que também fazia parte do CAE, não estava respirando (ela havia sofrido um ataque cardíaco). Ele ligou para o resgate e a polícia que quando chegaram na casa do artista se interessaram mais pelo equipamento científico e amostras de culturas de bactérias do que com o estado de saúde de Hope. Os policiais acionaram o FBI. Não demorou para agentes vestidos com roupas especiais para materiais de risco vasculharem a casa de Kurtz e confiscaram o equipamento pessoal do artista, incluindo computador, textos, arquivos, uma pesquisa inteira de um novo livro. Foram os primeiros anos da chamada *Guerra ao Terror*, na qual os poderes de investigação do governo federal norte-americano para a obtenção de informações sem notificação sobre indivíduos e a violação de direitos foram ampliados. Kurtz foi acusado de “bioterrorista”. Posteriormente, foi constatado que as bactérias encontradas na casa, eram totalmente inofensivas e não apresentavam riscos como “armas biológicas”, sendo materiais tipicamente utilizados em pesquisas escolares e universitárias. Mesmo assim, a casa de Kurtz ficou em observação vários dias, enquanto ele ficou detido por agentes do FBI em um hotel, onde foi interrogado por mais de 20 horas. Além disso, como havia obtido as amostras pelo correio, Kurtz foi processado durante 4 anos e o caso só foi definitivamente encerrado em 2008. Para o CAE as acusações não passaram de uma manobra para silenciar um artista e um cientista cujos trabalhos são críticos ao coercivo programa do governo norte-americano de militarização da esfera pública (Mesquita, 2011).

Essa militarização da esfera pública da qual o grupo fala, está relacionada não apenas ao uso cotidiano de tecnologias concebidas dentro dos círculos militares, mas também ao aumento da vigilância e do controle sobre os indivíduos. A internet é uma dessas tecnologias cuja concepção estava associada aos meios militares, mas que logo caíram no gosto público e se tornaram parte do cotidiano.

No mesmo ano em que a internet foi aberta comercialmente, em 1995, chegou ao conhecimento do grande público outro texto que tratava das implicações da tecnologia no controle sobre a liberdade dos indivíduos, *A Sociedade Industrial e seu Futuro*, do matemático e ex-professor assistente em Berkley, Theodore John "Ted" Kaczynski. Neste texto, Kaczynski pregava a impossibilidade de reforma entre a liberdade social e o complexo tecnológico-militar-econômico-capitalista, restando como única alternativa a sabotagem total do mesmo. O texto é dividido em 232 parágrafos distribuídos em 25 seções, que trazem desde críticas ao que o autor chamou de esquerdismo moderno até uma espécie de tratado psicológico com os males causados pela sociedade industrial.

A tese central: tecnologia é uma força social mais forte do que o desejo por liberdade e, portanto, não pode haver desenvolvimento tecnológico sem a perda da liberdade. O exemplo dado para corroborar essa afirmação é automóvel:

Normalmente, o progresso tecnológico parece não ameaçar a liberdade, mas com o tempo a afeta seriamente. O pedestre antigamente podia ir onde quisesse e caminhar tranquilamente sem prestar atenção a placas de trânsito, nem dependia de sistemas de base tecnológica. Quando os veículos a motor apareceram para incrementar a liberdade do homem, não tiraram a liberdade do pedestre, ninguém era obrigado a ter um automóvel, e quem resolvesse comprar um não podia mover-se muito mais rápido do que o pedestre. Mas a introdução de transporte motorizado rapidamente transformou a sociedade, e de tal maneira que passou a restringir gravemente a liberdade de locomoção do homem. O incremento no número de automóveis tornou necessário regular seu uso extensivo. Um carro, especialmente em áreas densamente povoadas, simplesmente não pode ser conduzido de qualquer maneira; seus movimentos são governados pelo fluxo do trânsito e por diferentes normas. Seu uso é regulado por várias normas: carteira de motorista, exame de direção, registro, contrato de seguro, manutenção do veículo, multas. Além disso, usar transporte motorizado não é mais uma opção. Desde a introdução do transporte motorizado a logística de nossas cidades mudou de tal maneira que a maioria das pessoas já não vive no entorno de seu lugar de trabalho, das áreas de compra, de recreio, para onde podia ir andando. Hoje as pessoas **DEPENDEM** do automóvel para transporte (Kaczynski, 1995, p. 127)¹¹.

Para Kaczynski, as partes más da tecnologia não podem ser separadas das boas, a conclusão dele é que, portanto, engendrar uma Revolução é mais fácil do que as ações reformistas, logo o objetivo dos revolucionários deve ser a total aniquilação do Sistema. A seção mais longa do texto, que recebeu

¹¹ Neste texto, o número que aparece nas citações de *Sociedade Industrial e seu Futuro* se refere ao parágrafo do qual a citação foi extraída.

nome de "Estratégias", apresenta uma série de sugestões para acabar com a Sociedade Industrial, são 27 parágrafos dedicados ao tema. Algumas das sugestões do autor foram as seguintes:

- Resgatar os exemplos das Revoluções Francesa e Russa, que fracassaram em construir a sociedade desejada, mas tiveram sucesso em destruir a sociedade precedente;
- Criar uma contraposição ideológica entre Natureza Selvagem e Tecnologia (para ele os movimentos sociais só conseguem engajamento quando determinam uma causa para lutar e um inimigo para odiar);
- A ideologia contra a sociedade industrial deve ser difundida em dois níveis: no primeiro, para angariar o apoio entre os intelectuais, cientistas e formadores da opinião pública, o que trará respaldo ao tema, o segundo, envolve a educação das massas;
- Fomentar conflitos sociais para enfraquecer e perturbar a ordem da Sociedade Industrial;
- Nunca culpar as massas, mas sim, as estratégias de cooptação usadas pela complexo Industrial-Tecnológico-Midiático;
- Não se trata de um levante armado, nem político, mas sim, de uma mudança na relação das pessoas com a tecnologia;
- Os revolucionários deveriam evitar assumir o poder, pois em caso de derrota a ideologia pode ser minada.
- A Revolução deve ser mundial e internacional;
- É mais fácil destruir a economia se ela estiver interligada mundialmente;
- A tecnologia existente só deve ser usada com o propósito de destruir o sistema;
- Aumento do poder dos indivíduos e dos pequenos grupos, coletivos em geral;
- Emprego das táticas coletivas e de grupos pequenos (Kaczynski, 1995).

A Sociedade Industrial e seu Futuro foi publicado originalmente nos jornais *New York Times* e *Washington Post* e ficou mais conhecido como *Manifesto Unabomber*. Unabomber é a alcunha pela qual Kaczynski, ficou famoso após realizar ao longo de quase duas décadas uma série de atentados à bomba. Entre os alvos, engenheiros, cientistas e lojas de computadores; os atentados mataram três pessoas e deixaram duas dezenas de feridos. Após uma denúncia do seu irmão, Kaczynski foi preso em 1996. Ele vivia isolado em uma cabana no meio da floresta. A razão para as bombas ele mesmo explicou no em *A Sociedade Industrial e seu Futuro*:

Se não tivéssemos feito nada violento e tivéssemos apresentado os presentes escritos a um editor, provavelmente não seriam aceitos. Mesmo se fossem aceitos e publicados, provavelmente não atrairiam muitos leitores, porque é mais divertido ver o entretenimento lançado pelos meios do que ler um ensaio sóbrio. Mesmo se estes escritos tivessem muitos leitores, a maioria logo esqueceria o que tinha lido porque suas mentes estão atoladas na massa de material exposta pelos meios. A fim de apresentar nossa mensagem ante o público com alguma oportunidade de criar uma impressão duradoura, tivemos que matar gente (Kaczynski, 1995, p. 96).

De fato, a história do Unabomber recebeu relativo destaque na última metade da década de 1990, mas os atos de violência de Kaczynski transformaram *A Sociedade Industrial e seu Futuro* em um texto "maldito"¹². Além disso, como é comum nas situações de terrorismo praticado por homens brancos estadunidenses, o caso foi tratado como um desvio psicológico e as ideias de Kaczynski talvez não tenham sido levadas tão a sério, afinal tinham partido da cabeça de um homem "desequilibrado" emocionalmente¹³.

Apesar dos pontos controversos – como a defesa do porte de armas e a sugestão *nonsense* para que os revolucionários tenham tantos filhos quanto possível para serem educados para a revolução –, como bom matemático, Kaczynski apresenta seus argumentos de maneira lógica e racional. Examinando detalhadamente, nota-se que o texto é bastante lúcido, com argumentação coesa, por vezes quase matemática, com inúmeros exemplos e análises de causa e efeito. Se quando foi publicado *A Sociedade Industrial e seu Futuro* algumas previsões foram entendidas como apocalípticas e irracionais, hoje, elas adquirem caráter premonitório e de antecipação.

Como nos dois cenários de futuro previsto por ele: no primeiro, as máquinas se tornariam autônomas e mais inteligentes que os homens e nesse caso qualquer prognóstico seria impossível, mas com certeza o homem viveria em situação de total dependência e desligar as máquinas seria suicídio; no segundo caso, as grandes máquinas que controlam tudo estariam na mão de uma minoria, e o cenário seria de superexploração do trabalho e competitividade desmedida (Kaczynski, 1995).

O julgamento de Kaczynski foi controverso. Ele dispensou os advogados que queriam alegar insanidade para livrá-lo da pena de morte. Para ele, trata-lo como louco era uma decisão puramente política. Ele se declarou culpado e cumpre oito penas de prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

¹² O fato não impediu que *O Manifesto Unabomber* seja facilmente encontrado na internet, tanto a versão original em inglês quanto versões traduzidas para o português e outros idiomas.

¹³ Curiosamente, 20 dias após a apresentação desse texto no V Simpósio da LAVITS, a NETFLIX disponibilizou em seu catálogo a primeira temporada da série *Manhunt: Unabomber*, que apresenta pelo ponto de vista de um agente do FBI a caçada ao UNABOMBER. A série ficcional trata pouco do aspecto filosófico da *Sociedade Industrial e seu Futuro* e parece reforçar a imagem de Theodore Kaczynski como um gênio introvertido que ficou traumatizado devido à uma experiência psicológica realizada quando ele foi calouro em Harvard. A série, no entanto, pode contribuir para aumentar o interesse pela história do Unabomber.

Mais do que desmerecer o texto, tratando-o como fruto de uma mente perturbada ou mesmo de um ludita¹⁴ que deseja destruir o maquinário e tomar as fábricas, *A Sociedade Industrial e seu Futuro*, ainda pode ser entendido como um texto inserido em uma tradição literária característica da produção estadunidense que tem em *Walden: A vida nos bosques* de Henry Thoreau¹⁵ seu maior representante.

Seja como for, a imagem de um homem sujo, descabelado, que mais parecia um homem das cavernas, vivendo isolado sem eletricidade numa cabana no meio da floresta nos Estados Unidos era o completo oposto do imaginário da globalização em voga no período. Afinal, como é sabido, à época a internet e a rápida difusão no uso dos computadores corroboravam com a tese de que se vivia na Era da informação, do conhecimento e do mundo conectado.

Em comum, *A Sociedade Industrial e seu Futuro* o *Distúrbio Eletrônico* traziam um aviso da ameaça à liberdade individual e os perigos de um elevado nível de controle sobre a vida por meio da tecnologia. Além disso, os dois textos alertavam para os riscos do desenvolvimento tecnológico a partir dos interesses do capitalismo/mercado e apresentavam propostas radicais de transformação social e apontando para a urgência de reconfigurar os rumos da sociedade e tomar as rédeas do desenvolvimento técnico por meio de práticas coletivas e de ação direta. O caráter de urgência pode ser explicado pelo fato de que no período já se discutia a possibilidade do desenvolvimento tecnológico entrar em velocidade de escape – quando o controle sobre os rumos da tecnologia ficaria fora do alcance humano. Os dois textos não escondem as dificuldades de tal empreitada, mas reforçam que o sentimento derrotista pode causar letargia e paralisa.

Contudo, mais do que um exemplo, afinal ninguém quer ir para a cadeia ou cometer atentados que custem vidas, espero que as discussões em torno dos textos dois textos sirvam como inspiração para pensarmos coletivamente os problemas e desafios da realidade histórico-social atual que assiste a um

¹⁴ O chamado movimento ludita ocorreu na Inglaterra entre 1811 e 1812. Os integrantes do movimento protestavam contra a substituição da mão-de-obra humana por máquinas e usava táticas radicais, como a invasão de fábricas e a destruição de máquinas e outros equipamentos que consideram responsáveis pelo desemprego e as péssimas condições de trabalho no período.

¹⁵ Texto autobiográfico que é uma espécie de manifesto contra a civilização industrial estadunidense publicado em 1854.

aumento da desigualdade e a ascensão de um autoritarismo de vigilância em todo o mundo¹⁶. Nesse sentido, acredito e reafirmo que a Rede LAVITS tem tido um papel fundamental de incentivar essas discussões e a problematizar essas ameaças. Na América Latina, as dificuldades e os desafios são muitos: recrudescimento do conservadorismo, ameaça frequente à democracia, desrespeito pela privacidade, proliferação de práticas de vigilância distribuída. Somam-se a esse quadro os infames *bots*¹⁷, as *fake-news*¹⁸ e as empresas de análise de *big data* capazes de influenciar nas escolhas das pessoas e mudar os rumos das democracias¹⁹.

Distúrbio Eletrônico e A Sociedade Industrial e seu Futuro apresentam propostas radicais que são frutos de um desejo de mudar urgentemente o rumo das coisas e tomar as rédeas da nossa relação com a tecnologia. São textos fundados nas esperanças e desesperanças da época em que foram escritos. Passados vinte anos, será que deixamos as rédeas escaparem? Espero que não!

¹⁶ No final de 2017, o periódico *Surveillance & Society* publicou uma edição especial dedicada à onda global de autoritarismo. David Murakami Wood, autor do editorial da edição, apresenta uma categorização das modulações possíveis entre o autoritarismo, democracia e o nível de vigilância sobre a população. Para ele, estamos próximos de experimentar um regime inédito de totalitarismo que antes só seria possível na ficção, afinal, nunca na história um regime autoritário teve acesso técnico capaz de vigiar facilmente um grande número de pessoas espacialmente e em tempo real, como o existente hoje (Wood, 2017).

¹⁷ Perfis falsos usados para manipulação eleitoral e da opinião pública nas redes sociais.

¹⁸ Termo que se popularizou em 2017 e se refere a notícias fabricadas para mudar a opinião pública.

¹⁹ No final de dezembro foi noticiado por diversos jornais brasileiros que a *Cambridge Analytica*, começaria a operar no Brasil. A empresa de marketing é considerada responsável pela vitória do Brexit e de Donald Trump e faz uso de dados (*Bigdata*) de eleitores e consumidores para executar planos de “comunicação estratégica”. Na política, utiliza técnicas de análise de personalidade para elaborar propagandas que estimulem os eleitores de diferentes perfis a votar em um mesmo candidato ou proposta política (Flores, 2017).

REFERÊNCIAS

Black, E. (2001). *A IBM e o Holocausto*. Rio de Janeiro: Campus.

Critical Art Ensemble (2001). *Distúrbio eletrônico*. São Paulo: Conrad.

Deleuze, G. (2000). Post-scriptum das sociedades de controle. In G. Deleuze (Orgs.). *Conversações 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34.

Flores, P. (2017, dezembro 08). O que a Cambridge Analytica, que ajudou a eleger Trump, quer fazer no Brasil. *NEXO*. Recuperado em 10 de dezembro de 2017 de <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/08/O-que-a-Cambridge-Analytica-que-ajudou-a-eleger-Trump-quer-fazer-no-Brasil>.

Garrido, M. V. (2015). Contesting a Biopolitics of Information and Communications: The Importance of Truth and Surveillance After Snowden. *Surveillance & Society*, 13(2), 153-167.

IBM do Brasil. (n.d.). *IBM no Brasil, 100 anos dedicados ao futuro*. Recuperado em 11 de março de 2017 de <https://www.ibm.com/br-pt/>: <https://www-03.ibm.com/marketing/br/ibmbrasil100/?hp=LS1>.

Kaczynski, T. J. (1995). *A Sociedade Industrial e seu futuro*. São Paulo: Editora Baraúna.

Lyon, D. (2011). *Surveillance studies: An overview*. Cambridge: Polity Press.

Marx, G. T. (2015). Surveillance Studies. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences, Second Edition*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Mesquita, A. (2011). *Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva*. São Paulo: Annablume/Fapesp.

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record.

Wood, D. M. (2017). The Global Turn to Authoritarianism and After. *Surveillance & Society*, 15(3), 357-370.

Zuboff, S. (2015). Big Other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology*, n. 30, 75-89.